

IMPACTOS AMBIENTAIS NOS GARIMPOS DE OURO DE CACHOEIRA DE MINAS, PRINCESA ISABEL - PB

Alexandre Dias Velásquez Junior¹; Lucilene dos Santos²; Sheila Maria Bretas Bittar³

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO; ³ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

RESUMO: A área em evidência está situada entre os meridianos 7°33'12" e 7°38'37" de longitude sul e 38°08'20" e 38°02'53" de latitude oeste, em Cachoeira de Minas, município de Princesa Isabel, Paraíba. Inserida geologicamente no Complexo Riacho Gravatá, Terreno Piancó-Alto Brígida, Domínio Tectônico Transversal da Província Borborema, esta área é limitada a norte pela Zona de Cisalhamento Juru, de movimento dextral, e a sul, por um empurrão com movimento para norte, que posiciona os ortognaisses Cariris-Velhos sobre o referido Complexo. As litologias descritas nessa região são rochas metavulcânicas básicas associadas à ultrabásicas, ácidas e intermediárias, metapelitos, metapsamitos, formação ferrífera bandada, metacherts e metamargas. O ouro ocorre em veios de quartzo irregulares, associado com sulfetos (galena, pirita, calcopirita e arsenopirita), enxofre e óxido de ferro. Os veios de quartzo apresentam espessura média variando entre 0,5 a 1,0 metro e comprimento que pode chegar a 1 km, ora concordantes a subconcordantes à foliação S2 milonítica, que mostra movimento para norte, e ora discordantes e orientados segundo a direção da Zona de Cisalhamento Juru. O primeiro registro da descoberta de ouro na região de Cachoeira da Minas foi por holandeses, em 1864. Em 1930, deu-se início a uma pequena exploração com a utilização de máquinas movidas a lenha. Entre 1987 e 1990, a Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais do Estado da Paraíba (CDRM) atuou na área com projetos de pesquisa e exploração do ouro e, posteriormente, em parceria com a Odebrecht, representada na região pela empresa Pedreiras Valéria Ltda., até que se tornou inviável economicamente e passou a ser realizada apenas por garimpeiros, o que ocorre atualmente. Apesar disso, o distrito aurífero de Cachoeira de Minas é tido como um dos mais promissores da Paraíba, com teor médio de 6,0g/ton. A lavra atual é realizada por garimpeiros que utilizam explosivos e ferramentas manuais para abrir as galerias ou banquetas. Estas atingem uma profundidade de até 20 m, e são sustentadas de forma precária. O material é retirado do local em "latões" e martelado, quando é feita uma pré-seleção. Este material é triturado em um moinho elétrico, colocado em uma placa de bronze e impregnado com mercúrio para a "amalgamação". O que não é retido é, posteriormente, recuperado com o uso de cianeto de sódio. Em todo o processo, em geral, não se faz uso de equipamento de proteção. O rejeito é descartado em pilhas próximas ao local de beneficiamento e a água de lavagem do minério, contendo mercúrio e cianeto de sódio, é bombeada para tanques, para ser reutilizada, devido à escassez de água na região, e acaba por evaporar, precipitando sais. Esta atividade, além de promover problemas de saúde, especialmente para os garimpeiros, devido ao uso do mercúrio e do cianeto de sódio, degrada o meio ambiente promovendo a contaminação do solo e dos recursos hídricos, a modificação da paisagem e o assoreamento dos rios.

PALAVRAS-CHAVE: MEIO AMBIENTE; OURO; GARIMPO.